

Entrevista com o ator Juliano Righetto

Site Poucas e Boas da Mari – <http://www.poucaseboasdamari.com>

Por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP

01. Juliano, sua formação de ator vem do teatro-escola Célia Helena e de lá pra cá, você fez trabalhos em produções de peso na TV, como as minisséries A Casa das Sete Mulheres (2003), Um Só Coração (2004) e JK (2006), todas na Rede Globo. Demorou muito para que isso acontecesse?

Nem tanto. Logo depois que me formei no Célia Helena, fiquei em cartaz com nossa peça de formatura durante uns seis meses. Em seguida fui chamado para fazer “Ensaio sobre a Cegueira”, do Saramago. Até sairmos de cartaz, mais um ano se passou. Durante esta peça, a Maria Adelaide Amaral me assistiu, e me convidou para fazer “A Casa das Sete Mulheres”. Ou seja, em aproximadamente dois anos de formado cheguei à Globo.

02. Depois que se "experimenta" TV...

...se aprende muito. No meu caso, me apaixonei. Mas especificamente em relação à profissão de ator, me permito ser bígamo, já que continuo tão apaixonado por teatro como antes. Não quero deixar de fazer nenhum dos dois... e arriscar um romancezinho com o cinema, assim que der!

03. Nunca deu certo fazer cinema?

Infelizmente não... acho que ainda não tenho os contatos certos. Cheguei a ser chamado para um pequeno papel em um filme que não foi rodado. É uma pena, queria muito me ver na telona. Sou fã de cinema, vou praticamente todos os fins de semana!

04. Em 2001, você trabalhou em “Os Azeredo Mais Os Benevides” (direção de Marco Antônio Rodrigues), primeira montagem profissional da peça de Oduvaldo Vianna Filho (autor, ator, pensador do teatro e agitador cultural). Esse texto de 1967 aborda um tema muito atual, o problema dos trabalhadores rurais sem terra. O objetivo da peça foi mais social que entretenimento?

Sem dúvida alguma! O Marco Antônio Rodrigues costuma sempre trabalhar em cima do social. O que acho fantástico. Gostaria que todos os trabalhos que eu fizesse tivessem algum conteúdo social. Os “Azeredo” nos deram uma bela visão do que acontece no panorama da reforma agrária. Tratava mais especificamente deste enfoque, mas nos ajudou a abrir os olhos pra vários outros problemas sociais. Aprendi e aprendo muito com o Marco Antônio Rodrigues até hoje. Sou um grande fã do seu trabalho. E o Vianinha... achei um absurdo esta peça maravilhosa não ter sido encenada até 2001! É um texto lindo, muito bem escrito, atualíssimo (apesar de ter sido escrito em 67 e se passar no começo dos anos 10)... triste ver que pouca coisa mudou de lá pra cá, e em muitos casos, quando mudou, mudou pra pior.

05. A Casa das Sete Mulheres, Um Só Coração e JK são textos de Maria Adelaide Amaral. Coincidência?

Não... trabalhei com a Maria Adelaide antes mesmo da “Casa”. Fui pesquisador de texto pra ela em uma novela que não foi para o ar. Como fizemos amizade, consegui convencê-la de me assistir na “Cegueira”. Ela já sabia que eu jogava esgrima (o que faço desde 1998), e pelo jeito gostou de mim em cena. No fim da peça ela me disse que eu tinha um papel na “Casa”. Claro que fiquei muito feliz! As outras duas minisséries vieram, acredito eu, por ela continuar gostando do que eu fiz nas telas.

06. Você pilota avião e em 2006, interpretou na minissérie global “JK” João Milton Prates, o Ten. Prates, que foi amigo e piloto particular de Juscelino Kubitschek. Hoje, produções televisivas e cinematográficas procuram diferenciais que o ator possui para que as cenas cheguem o mais perto possível do real. Como foi o convite para esse papel? A produção de elenco sabia desse seu diferencial, por isso a escolha?

A Maria Adelaide Amaral me ligou em abril, e me perguntou se eu ainda lembrava como se pilotava um avião (já faz um bom tempo que não faço isso de verdade). Eu disse que sim, e ela disse “então vai estudando o João Milton Prates, que você vai fazer ele no JK”. Simples assim! Em seguida já comprei alguns livros que falavam sobre o “Senta a Pua”, primeiro grupo de caça do Brasil que lutou na Segunda Guerra Mundial e do qual o Prates fez parte. Depois procurei no Orkut uma comunidade que fosse da família Prates, e deixei um tópico perguntando se alguém era parente dele. Meu “neto” então me achou! Trocamos alguns e-mails, ele me apresentou pro seu pai, e marcamos de nos conhecer. Fui até o Rio então, e o João Ricardo Prates, filho do meu personagem, me contou tudo o que eu poderia saber! Cedeu-me algumas fotos e livros, e eu voltei pra São Paulo. Descobri depois dois colegas do João Milton (que morreu em 1973), também veteranos de guerra. Com os depoimentos dos dois, juntei mais material e acabei de compor o personagem.

07. Fazer um personagem que já existiu, como foi o caso do Ten. Prates, dificulta a "composição" do personagem?

É engraçado... existe um limite de até onde você deve pesquisar. Quando fiz o Waldemar Belário, em “Um só Coração”, não achei muito material, e não encontrei nenhum familiar ou amigo. Então tive apenas algumas referências que usei para compor o personagem, junto com algumas coisinhas que eu coloquei. No caso do Prates, foi bem diferente. Como tive contato com muitas pessoas que conviveram com ele, e que tinham enfoques diferentes em relação à ele (um era filho, os outros dois colegas próximos), além de vários livros onde ele aparecia, acabei tendo referências que não batiam às vezes. Como fui pesquisador, e tive meses para ir atrás disso, fui muito a fundo. Demais. Eu entregava as pesquisas feitas para os autores, para que eles também tivessem mais referências ao escrever a minissérie, e em determinada hora eles me mandaram parar de enviar material! Eu não percebi o que estava acontecendo. Na hora de atuar, vi que eu tinha referências demais na minha cabeça. Isso me atrapalhou um pouco. Mas no fim das contas, acho que deu tudo certo... meu “filho” elogiou bastante meu trabalho!

08. Você fez uma participação na novela “Cidadão Brasileiro”, fazendo merchandising do banco Bradesco. É a sua primeira novela. Fazer novela tem mais visibilidade que fazer minisséries, por mais que seja uma participação pequena? Merchandising prejudica a imagem do ator?

Ainda não sei qual foi o impacto da minha participação por causa disso... Quanto ao merchandising ser prejudicial, eu acho que depende. No caso do Varela, meu personagem, acredito que não. O texto está muito bem feito. A primeira aparição dele é como um funcionário da Fundação Bradesco interessado em ajudar na construção de escolas rurais em Guará, a cidade fictícia da novela. E está completamente encaixada na história. Sinto-me como mais um personagem.

09. Uma mensagem para os freqüentadores do site “Poucas e Boas da Mari”.

Que difícil! Vamos ver... para quem freqüenta este site somente pra conhecer mais um pouco da vida de pessoas que trabalham com arte, saibam que é uma vida muito gostosa, mas muito dura também. Existe o tal glamour que muitos invejam, mas raramente ele é alcançado sem que a pessoa batalhe muito. E para quem é do meio e está tentando chegar lá, o óbvio: vá à luta mesmo! Eu pensei muitas vezes em parar, como acho que quase todos os que já foram entrevistados aqui também pensaram. Mas com o tempo a gente vai pensando cada vez menos... Beijo para todos, e obrigado Mari!